

## MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA E OS ESTUDOS HUMANÍSTICOS EM PORTUGAL

1. Em 30 de Janeiro de 1918 — há exactamente setenta e um anos e cinco dias<sup>1</sup> — o bacharel em Teologia e em Letras Manuel Gonçalves Cerejeira, presbítero, de trinta anos de idade, defendia a sua dissertação de doutoramento sobre «O Renascimento em Portugal — Clenardo» perante um júri formado por onze professores da Universidade de Coimbra, com vista a obter o grau de doutor em Ciências Históricas e Geográficas. Faziam parte do colégio doutoral que julgou o candidato — e o classificou com vinte valores — algumas das maiores autoridades de então, no domínio das ciências humanas, como, entre outros, António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, presidente, Joaquim Mendes dos Remédios, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Eugénio de Castro e ainda, de outras Faculdades, Eusébio Tamagnini, João Maria Tello de Magalhães Colaço e o reitor da Universidade Arnaldo Mendes Norton de Matos, presidente honorário. O trabalho submetido à apreciação da Universidade era apenas o primeiro volume, consagrado ao estudo das *Epistolae* do humanista Clenardo, de uma obra cujo segundo volume foca, numa perspectiva mais doutrinária, os problemas do Humanismo e da Reforma na Europa e também em Portugal. O primeiro tem a data de 1917; o segundo a de 1918, contendo este, em apêndice, as mais importantes cartas do humanista flamengo traduzidas do latim em vernáculo<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Este texto foi lido na Universidade Católica Portuguesa no dia 4 de Fevereiro de 1989.

<sup>2</sup> Na edição de 1974-1975, as cartas figuram em apêndice do volume I, pp. 243-386.

Antes de 1918 não existiam em Portugal contributos filológicos ou historiográficos sobre a problemática do Humanismo. O livro de Manuel Gonçalves Cerejeira é, portanto, um estudo pioneiro. Podemos considerá-lo como as primícias da pesquisa científica portuguesa sobre o Humanismo em Portugal.

Há teses de doutoramento que, não obstante a sua seriedade, envelhecem em poucos anos. Os dois volumes de *O Renascimento em Portugal* de Manuel Gonçalves Cerejeira continuam a ser um livro de actualidade. Foram, no seu tempo, não só obra modelar como investigação e elaboração científicas mas representaram ainda um notável avanço de concepção e de judicação críticas sobre o que havia sido o Humanismo desde o outono da Idade Média até ao trânsito do séc. XVI para a época de Galileu, Bacon e Descartes<sup>3</sup>.

O Renascimento significava, para os estudiosos do século XIX — sem excluir Michelet e Burckardt — o triunfo do espírito temporalmente libertador e a afirmação das concepções pagãs que apresentavam a Modernidade como uma forma de desvinculação de «superstições religiosas». Durante todo o primeiro quartel do século XX impunha-se, a nível universitário, a opinião generalizada de que o Renascimento é, em relação à Idade Média, o divórcio total do homem perante a transcendência. Os textos exemplares do classicismo greco-latino seriam o fundamento deste conceito tido como ponto assente, de que o Renascimento representa a época prometeica do *regnum hominis*, a apoteose do poder criativo do homem, numa circunstância que ele modelava e recreava segundo o seu desejo e a sua ilimitada capacidade de transformar o mundo sensível, à imagem das suas próprias criações intelectuais. O pensamento idealista contribuiu para reforçar esta noção de um Renascimento como idade de ouro em que o *Christus Deus optimus maximus* tinha uma simples função retórica, quando muito vaga-

---

<sup>3</sup> Costuma dizer-se e escrever-se na Itália que o Renascimento começa com Petrarca e acaba com Galileu. É tradição em França definir o conceito histórico de Renascimento como partindo de Petrarca até se exaurir em Descartes. Os Ingleses consideram Shakespeare como o *terminus ad quem* do Renascimento que, para os Espanhóis, poderia acabar com Cervantes e, para os Portugueses, com Luís de Camões. Todos aceitam, porém, que Petrarca seja o *terminus a quo*, embora saibamos que só na Itália o humanista do *Secretum* assinala o início desta grande época histórica, identificável com a modernidade.

mente simbólica nos espectáculos de uma liturgia teatral, esvaziada de substância religiosa. Um discípulo de Benedetto Croce, seguindo a lição do ilustre pensador da Estética, chegou ao extremo de sustentar que falar de «humanismo cristão» seria mais ou menos como, numa enunciação absurda, classificar de católica a física ou a matemática<sup>4</sup>. Para ensaístas como este — pois não se trata de investigadores mas de simples ensaístas — o Humanismo renascentista não ultrapassa os limites de uma imitação da cultura clássica greco-latina, ao nível da beleza das formas e do que, no domínio de um conhecimento suficiente das línguas clássicas, é indispensável saber para seguir os modelos. O ciceronianismo seria o exemplo mais acabado desta concepção. Se é verdade que este conceito de Humanismo está hoje postergado nos meios científicos mais evoluídos, isso não ocorria nos inícios deste século. Manuel Gonçalves Cerejeira foi levado, da leitura meticulosa dos escritos de Clenardo, principalmente das suas cartas, à formulação de um conceito de Renascimento que colide frontalmente com o do seu tempo. Foi, por isso mesmo, um inovador e um renovador dos estudos da historiografia e da filologia do Humanismo. Porque sabia que o Humanismo não representa, em relação à Idade Média, uma fractura, escolheu como tema da sua tese de doutoramento a análise metódica e crítica das *Epistolae* de Clenardo.

Este gramático, com efeito, era o tipo de humanista desejoso de aplicar, aos textos sagrados, os mesmos métodos de tratamento analítico que os filólogos aplicavam aos textos do classicismo greco-latino. Propunha-se, assim, apenas seguir o exemplo de Erasmo, de Lefèvre d'Étaples e de outros grandes filólogos. Dominava perfeitamente as três línguas santas — o latim, o grego e o hebraico — estando pois preparado para entender e explicar, como teólogo, os mais profundos sentidos da Bíblia. Autor de gramáticas famosas em toda a Europa, editadas centenas de vezes — sobretudo a gramática grega<sup>5</sup> —, Clenardo podia orgulhar-se, como Erasmo,

---

<sup>4</sup> Siro Attilio Nulli, *Erasmo e il Rinascimento*, Turim, 1955, p. 45: «Però parlare di *umanesimo cristiano* ha lo stesso senso che parlare di geometria cattolica o di chimica cristiana: è una cattiva espressione invece di dire: attività filologica e culturale esercitata da individui che si professano seguaci del Cattolicesimo circa argomenti che appartengono alla storia delle chiese».

<sup>5</sup> Ver, para o estudo das gramáticas clenardianas, Louis Bakelants e René Hoven, *Bibliographie des oeuvres de Nicolas Clénard 1529-1700*, I-II, Verviers, Librairie P. M. Gason, 1981.

do nome glorioso de teólogo. Sacerdote de fé ardente e de costumes castigados, com a rudeza do campónio flamengo, voltado para um cristianismo que se identificava, na obediência ao preceito evangélico, com a prática das virtudes essenciais, sobretudo as do amor de Deus e do próximo, propunha-se por isso mesmo trazer para a vinha do Senhor trabalhadores que dela andavam arredios. Em vez de tentar convertê-los — pagãos ou heréticos que fossem — através do combate das armas ou das palavras, procurava convencê-los, através do diálogo, de que o cristianismo é uma religião universal de amor, à medida de uma adesão sincera feita para todos os homens. Ecuménico antes do ecumenismo, Clenardo não podia deixar de seduzir o futuro cardeal Cerejeira, espírito irénico e dialogante, ecuménico muito antes do Vaticano II, verdadeiramente apostólico, como Jacques Maritain — referindo-se ao príncipe da Igreja — deixou um dia entender<sup>6</sup>, oposto a todos os belicismos e a todos os extremismos. Ao escolher como objecto do seu estudo a obra e a personalidade de Clenardo, Manuel Gonçalves Cerejeira propunha-se ainda pôr em evidência que as origens do Humanismo em Portugal são clássicas como em toda a Europa. Este classicismo foi veiculado pela cultura italiana desde Francesco Petrarca e, no século XV, desde uma pléiade incomparável de mestres no domínio da filologia, do pensamento filosófico-moral, do platonismo e — porque não — também do aristotelismo, como Coluccio Salutati, Leon-Battista Alberti, Lorenzo Valla, Marsilio Ficino, Ermolao Barbaro, Angelo Poliziano, Giovanni Pico della Mirandola e quantos mais<sup>7</sup>. Erasmo e S. Thomas More não teriam sido possíveis sem

---

<sup>6</sup> In *Les droits de l'Homme et la Loi Naturelle*, New York, Éditions de la Maison Française, 1942, pp. 43-44, note 1: «Il est intéressant de noter à ce point de vue que le récent concordat conclu entre le Saint-Siège et le Portugal ne comporte aucun traitement reçu de l'État par le clergé. Il 'condamne le clergé à une glorieuse pauvreté', écrivait à ce sujet le Cardinal Patriarche de Lisbonne, en soulignant l'importance de l'exemple ainsi donné, et la nécessité pour le clergé de se consacrer uniquement et librement à la mission divine de l'Église. [...] Une fois de plus le Cardinal Cerejeira a montré la voie et éclairé les esprits dans la confusion du temps présent».

<sup>7</sup> Destes humanistas, nem Salutati, Alberti e Ficino nem Barbaro e Giovanni Pico della Mirandola figuram em qualquer capítulo da tese de Gonçalves Cerejeira nem tinham, de verdade, que figurar. São referidos, porém, os nomes de vários outros como Dante, Francesco Petrarca, Francesco Filelfo, Platina, Giovano Pontano, Girolamo Aleandro, Pietro Bembo e Guic-

o *Quattrocento*. O próprio Clenardo, na sua formação filológica, procedia, ainda que indirectamente, do ensinamento de Aleandro, helenista distintíssimo que em 1508, em casa de Aldo Manuzio, em Veneza, apoiara Erasmo na preparação da edição aldina dos *Adagia*<sup>8</sup>. Contra a opinião de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que Manuel Gonçalves Cerejeira tanto admirava, o autor de *O Renascimento em Portugal* sustenta que o nosso Humanismo vem da Itália. De Cataldo Parisio Siculo decerto, pois ensinou na corte de D. João II e de D. Manuel, mas também daqueles que, em Florença, no último quartel do século XV, com Poliziano aprenderam a lição da nova filologia e dos métodos da sua aplicação ao texto: Henrique Caiado que Erasmo conheceu, Aires Barbosa — amigo de Nebrija —, Martinho de Figueiredo, sem esquecer Francisco de Sá de Miranda que, se não pôde conhecer Poliziano, falecido trinta e cinco anos antes da sua viagem a Itália, o leu talvez em grego e em latim mas com certeza em vulgar, assim como leu Iacopo Sannazaro, Pietro Bembo e muitos outros<sup>9</sup>.

Como primeiro representante, em Portugal, da investigação histórica e filológica consagrada aos estudos humanísticos, Manuel Gonçalves Cerejeira escolheu a análise metódica das *Epistolae* de Clenardo porque sabia que a epístola, o diálogo, o epigrama, o sermão e o discurso são subgéneros mais adequados para uma fácil transmissão directa da *Humanitas*, com vista ao ideal educativo que tem como finalidade a formação do espírito no culto das *humaniores litterae*<sup>10</sup>.

---

ciardini, o amigo de Machiavelli, para só mencionarmos alguns italianos insignes. Todo o livro está recheado de uma sábia cultura humanística europeia, que poderia fazer inveja, pelo menos no nosso país, aos doutores de hoje, numerosos dos quais pouco ou nada sabem acerca da obra dos maiores humanistas europeus dos séculos XV e XVI.

<sup>8</sup> Veja-se, para maior facilidade, no nosso estudo *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal — Les deux regards de Janus*, Lisboa-Paris, 1989, sobre Aleandro as pp. 115, 449, 453, 459, 482 e 567; e, sobre os *Adagia* de Erasmo, as pp. 57, 76, 80, 86, 331, 402, 458, 463, 499, 516, 523, 556-567, 668-669 e 675.

<sup>9</sup> Procurámos fazer menção das fontes mais importantes da poesia mirandina no nosso *Sá de Miranda e a Cultura do Renascimento*, I - *Bibliografia*, Lisboa, 1971.

<sup>10</sup> No nosso *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal*, II, p. 730, escrevemos, acerca da época em que o ideal da formação do homem se fundava essencialmente nas letras humanas: «époque où la parole avait au

A Idade Média dera-nos a grandeza esmagadora das sumas como das catedrais góticas, numa arquitectura vertical. Para os homens do Renascimento, a palavra é o sinal distintivo da dignidade humana, como já se lê no *Convivio* de Dante<sup>11</sup>. Daí que se procure depurar a palavra de maneira a que ela possa aproximar-se o mais possível da sua pureza original. É talvez por esta razão que as formas literárias mais singelas, menos construídas e menos elaboradas, são as preferidas pelo Renascimento: primeiras, entre todas, as epístolas e o diálogo.

As *Epistolae* de Clenardo são igualmente um documento valioso para o estudo da sociedade portuguesa do século XVI, o testemunho de um humanista esclarecido acerca dessa sociedade, importante para confirmar ou infirmar outros testemunhos. Não se pode dizer que as observações de Clenardo sobre as qualidades e os defeitos do povo português sejam para pôr de remissa, como desejariam os que recusam a lucidez do juízo mirandino sobre a nossa decadência, sob o pretexto de que se trata de poesia. A realidade, para a literatura, não terá porventura o sinete de uma autenticidade histórica rigorosa, como os documentos sobre os quais se pode construir a história. Não obstante, o testemunho de Clenardo coincide com o de Francisco de Sá de Miranda, como Manuel Gonçalves Cerejeira sublinha<sup>12</sup>.

2. O volume I de *O Renascimento em Portugal*, de 1917, voltou a ser editado em 1926, em 1949 e em 1974. Nas três reedições há retoques e pequenas reformulações do texto, mas não afectam a estrutura da obra. A única modificação maior em relação à edição de 1917 consiste na inclusão da versão portuguesa das *Epistolae* clenardianas, as quais, na edição *princeps*, aparecem no segundo volume, de 1918. Marcel Bataillon pôs em evidência, numa interessante recensão inserta no *Bulletin Hispanique* de 1922, os méritos

---

moins la valeur de cette *humanitas* qui ennoblissait l'homme, à travers les *humaniores litterae*».

<sup>11</sup> Ver *Convivio*, III, cap. VII, 8-9, transcrito em *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal*, II, p. 696, nota 52: «onde è da sapere che solo l'uomo intra li animalì parla, e ha reggimenti e atti che si dicono razionali, però che solo elli ha in sè ragione».

<sup>12</sup> Vejam-se os principais passos mirandinos citados por Manuel Gonçalves Cerejeira, na edição do volume II da sua tese, edição de 1975, pp. 50-52, 56-58, 106 e 182-183.

da investigação de Manuel Gonçalves Cerejeira. Em 1950, *L'Osservatore Romano* sublinhou com louvor, em artigo de fundo da sua página cultural, a atenção, consagrada pelo eminente autor de uma tão sábia monografia, à sua própria obra, sendo capaz, na plenitude da sua vida pastoral, de dedicar-se também ao esforço meritório do *labor limae*<sup>13</sup>.

A edição de 1974-1975 (quarta para o primeiro volume, segunda para o segundo) representa igualmente um trabalho digno de elogio, pelo propósito que anima um homem de oitenta e cinco anos, empenhado em actualizar um seu estudo de cinquenta e sete anos antes. Diz D. Manuel Gonçalves Cerejeira, no prefácio do volume II, que o autor envelheceu<sup>14</sup>. A verdade é que, ao apostar-se em «melhorar» o seu belo trabalho transcrevendo, comentadas, dezassete largas anotações com opiniões de estudiosos mais novos — e alguns podem considerar-se seus discípulos, ou discípulos de discípulos seus —, D. Manuel Gonçalves Cerejeira demonstra bem ser dotado, agindo assim, de uma indiscutível agilidade intelectual, portanto de uma óbvia juventude de espírito.

E também de uma imensa generosidade. Quase todos os textos transcritos confirmam o que o mestre insigne escrevera em 1917-18. Só num ou em dois passos precisou de fazer uma pequeníssima rectificação, referida, aliás, com uma exemplar humildade<sup>15</sup> por alguém que pode considerar-se, sendo o primeiro na ordem cronológica, também o primeiro na qualidade, na finura, na agudeza, na subtilidade e, até, no respeito fundamental pelas fontes.

---

<sup>13</sup> Ver *L'Osservatore Romano*, n.º de 30 de Abril de 1950: «Uno degli aspetti più interessanti e salienti di questa nuova edizione [a de 1949] risiede nell'arricchimento di note erudite e critiche di cui l'Autore l'ha dotato, pur a distanza di tanti anni, e pur trovandosi egli ora nell'alta posizione in cui altri doveri molto più importanti e gravi lo preoccupano».

<sup>14</sup> Ver p. 10: «o autor é evidente que envelheceu, mas o livro parece-me que não tem idade».

<sup>15</sup> Ver *Clenardo II*, edição de 1975, pp. 64-65, nota da nova edição, onde o grande Mestre se refere deste modo a Américo da Costa Ramalho: «em obra de maior vulto que é já coluna mestra duma biografia global da vida e obra de Cataldo, corrige o nosso engano da confusão de Bessarion Malvitius (Malvezzi) das suas cartas com o Cardeal Bessarion». Trata-se de um erro tão fácil de cometer como de corrigir, pois a cronologia é elementar. Gonçalves Cerejeira, o príncipe da Igreja, reconhece o mérito de Costa Ramalho com a mesma humildade com que o professor encanecido presta homenagem ao

3. Na edição de 1974, o volume I de *O Renascimento em Portugal* intitula-se «Clenardo e a Sociedade Portuguesa». Na edição *princeps* o título é «O Renascimento em Portugal — Clenardo (com a tradução das suas principais cartas)», as quais se inserem, porém, em apêndice do volume II. Na edição de 1926 o título está modificado: «O Humanismo em Portugal — Clenardo (com a tradução das suas cartas)». Na edição de 1949, nova modificação no título: «O Renascimento em Portugal — Clenardo e a Sociedade Portuguesa do seu Tempo (com tradução das suas cartas)». Se sublinhamos este aspecto, que pode parecer menor, é porque ele parece ser bem indicativo de como D. Manuel Gonçalves Cerejeira desejava constantemente aperfeiçoar a sua obra: estes diferentes estádios de metamorfoses titulares assinalam o resultado de sérias e profundas reflexões, não raro hesitações, como só não têm aqueles que ignoram o que é a investigação científica.

Numa introdução sólida do *status quaestionis*, o autor põe o leitor ao corrente não só da bibliografia fundamental do humanista, mas ainda da excepcional qualidade do gramático e do pedagogo, da dívida que Portugal para com ele contraiu, da maneira serena como tratou os portugueses, comparando-a ao despeito de Buchanan<sup>16</sup>. Encontramos a seguir o debuxo apaixonante do itinerário intelectual do filólogo — Lovaina, Paris, Salamanca, Évora, Coimbra, Braga<sup>17</sup>; a procura de um mestre de árabe, desejando poder dialogar com os seguidores de Maomé na sua própria língua<sup>18</sup>; o abandono por parte da corte portuguesa (inexplicável ainda hoje<sup>19</sup>) e a morte batendo-lhe à porta inesperadamente mas talvez

---

seu jovem discípulo. Na Coimbra de 1918, porém, nem António de Vasconcelos, Mendes dos Remédios ou Carolina Michaëlis de Vasconcelos teriam lido uma das duas edições aldinas do *In calumniatorem Platonis* (Veneza, 1503 e 1516) do trebizondino Bessarion e perguntamo-nos se, na Universidade de Coimbra de 1975, algum lente mais informado a conheceria. É que as edições humanísticas quinhentistas continuam a ser raras em Portugal.

<sup>16</sup> *Clenardo II*, edição de 1975, pp. 180-181, e principalmente *Clenardo I*, pp. 20-23.

<sup>17</sup> *Clenardo I*, ed. de 1974, pp. 39-174.

<sup>18</sup> *Clenardo I*, pp. 138-142.

<sup>19</sup> *Clenardo I*, p. 147: «O que não admite dúvida é que alguém na sombra tramou a sua perda. O motivo religioso não devia ser estranho à intriga. Talvez que Clenardo oferecesse flanco à calúnia, indo longe demais no fingimento de respeito pela religião de Mafoma para melhor captar a confiança

oportunamente em 5 de Novembro de 1542. O livro lê-se com encanto porque, além da erudição, que é copiosa e bem fundada, se diluir numa escrita cristalina, a teoria dos capítulos está perfeitamente articulada, pressupondo uma lenta elaboração da matéria documental.

O estudo de «Clenardo e a Sociedade Portuguesa» baseia-se, como era natural, sobre o texto das *Epistolae*. Clenardo olha com simpatia para Portugal mas, na sua rudeza simples, não esconde o que lhe desagradava. E muitas coisas lhe desagradam na vida portuguesa do século XVI: a repugnância pelo trabalho<sup>20</sup>, a mania nobiliárquica<sup>21</sup>, o desregramento dos costumes<sup>22</sup>, a escravatura<sup>23</sup>. O humanista está aberto a todos os pormenores de que é testemunha: a carestia da vida<sup>24</sup>, o abandono da agricultura<sup>25</sup>, a miséria

dos fiéis, ou nas suas amizades com judeus, entre os quais vivia». Em nota, pende o ilustre autor para esta derradeira hipótese, embora escreva logo após (pp. 148-149): «de mal com os mouros por amor de religião cristã e de mal com os cristãos por amor do árabe». Este triste abandono por parte do seu príncipe acaba por ser bem pouco honroso para D. Henrique.

<sup>20</sup> *Clenardo I*, p. 162: «O desamor ao trabalho! Eis a seus olhos uma qualidade nacional. Não há povo mais amigo da ociosidade, acentuará. O ar de África amolenta-nos». D. Manuel Gonçalves Cerejeira transcreve a seguir o próprio juízo de Clenardo, vertendo-o em português (*ibidem*): «Se há povo algum dado à preguiça, sem ser o português, então não sei onde ele exista».

<sup>21</sup> *Clenardo I*, p. 166, transcrição de um passo de Clenardo, vertido em português: «Em Portugal todos somos nobres, e tem-se como grande desonra exercer uma profissão qualquer».

<sup>22</sup> *Clenardo I*, p. 169, traduzindo um passo do humanista: «Diga-se de passagem, Vénus, em toda a Espanha, tem culto público, não menos que outrora em Tebas, e mormente em Portugal».

<sup>23</sup> *Clenardo I*, p. 164, com a transcrição de um passo clenardiano, em versão portuguesa: «Os escravos pululam por toda a parte. Todo o serviço é feito por negros e mouros cativos. Portugal está a abarrotar com esta raça de gente. Estou quase em crer que só em Lisboa há mais escravos e escravas que portugueses livres de condição».

<sup>24</sup> *Clenardo I*, pp. 165-166, na transcrição de um passo traduzido em vernáculo: «não há terra onde as coisas sejam tão caras».

<sup>25</sup> *Clenardo I*, pp. 162-163: «A agricultura arrasta-se miseravelmente; o seu atraso e definhamento são tão grandes que Portugal pode servir de termo de comparação aos países em que ela se acha mais abandonada». E logo após, com palavras de Clenardo (p. 163): «Se algures a agricultura foi tida em desprezo, é incontestavelmente em Portugal. O que constitui o nervo principal duma nação é aqui duma debilidade extrema».

das locandas<sup>26</sup>. Note-se, porém, que o testemunho não nasce de qualquer movimento de antipatia ou de hostilidade, antes pelo contrário. Abundam também os elogios sobre o progresso do saber em Coimbra<sup>27</sup>, o encantamento pelo aprendizado fácil do latim vivo em Braga<sup>28</sup>, na própria sociedade dos adultos, e não só entre crianças.

Grande conhecedor dos textos literários portugueses quinhentistas, D. Manuel Gonçalves Cerejeira ilustra o testemunho de Clenardo com juízos coincidentes de Sá de Miranda, de António Ferreira, de Caminha, de Camões, sem já falar de Gil Vicente que, sendo seu contemporâneo, não teve as honras, no latim clenardiano, de uma única menção<sup>29</sup>. Em apêndice, a versão portuguesa de duas dezenas de cartas do humanista flamengo<sup>30</sup>.

O livro é, como se está a ver, de uma importância capital. Mesmo que os historiadores da sociedade portuguesa do século XVI o contestem, observando que se trata do testemunho de um humanista concentrado sobre si mesmo, ignorando a língua portuguesa, a verdade é que estamos perante textos de um espírito desempoeirado, polido pela civilização das *humaniores litterae*, pondo em causa os nossos defeitos, mas, quando isso era necessário, não regateando encómios ao progresso cultural do nosso país.

<sup>26</sup> *Clenardo I*, p. 99: «E enquanto os escravos tiveram de dormir sobre esteiras, o homem do Brabante lá arranjou uma cama onde os pés lhe não cabiam». E logo a seguir: «No dia seguinte à noite estava-se em Montargil. Na estalagem miserável mal cabiam os fardos. De camas nem sombra».

<sup>27</sup> *Clenardo I*, pp. 113-114: «Quando Clenardo entrou em Coimbra, era já tempo de férias. Por felicidade ainda pôde ouvir a mestre Vicente Fabrício na aula de grego. Ficou assombrado com o *novo milagre* a que assistiu: 'Fabrício comentava Homero sem o traduzir de grego para latim, como se estivesse na própria Atenas. Nunca até então, confessava, vira coisa assim em parte alguma'. E os discípulos imitavam o professor, não se servindo senão da língua grega quase em tudo. Se lhe era lícito meter-se a profeta, muito Coimbra havia de florescer no estudo das línguas». E pouco depois: «Com tais princípios, ainda um dia Coimbra havia de sobrepujar a própria Salamanca», comentava o humanista.

<sup>28</sup> *Clenardo I*, p. 136: «Tal foi o êxito do ensino de Clenardo que por fim, a acreditarmos no mestre flamengo, já os sapateiros batendo a sola e os almocreves pela cidade, em casa as moças, todos cantavam — *Heus puer!* — trechos dos diálogos latinos da escola».

<sup>29</sup> No seu *Genethliacon Principis Lusitani* impresso em Bolonha no ano de 1533, André de Resende, talvez o melhor amigo em Portugal do humanista flamengo, faz um caloroso elogio de Gil Vicente, em elegantes versos latinos.

<sup>30</sup> *Clenardo I*, pp. 243-386.

Referindo-se aos seus continuadores de hoje na Universidade de Coimbra, escreve D. Manuel Gonçalves Cerejeira, no prefácio da segunda edição do volume II do seu estudo, Coimbra, 1975<sup>31</sup>:

«Da época que direi? Tenho ouvido que a história falará dela [refere-se à Universidade e sobretudo à Faculdade de Letras da *Alma Mater*]. O que mais se me impõe à memória é o grupo notável de novos professores que, à força de talento e de estudo, conquistaram a velha Universidade, e particularmente a dos jovens historiadores do Renascimento português de que Clenardo I e II tem a vaidade de ser um dos iniciadores, e lá continuam a medrar para glória da velha e sempre nova *Alma Mater* conimbricense». É a mais alta homenagem que algum dia se prestou à nova geração de estudiosos do Humanismo, surgidos sob a égide do Instituto de Estudos Clássicos e Humanísticos. A estes investigadores cumpre tornarem-se cada vez mais dignos de tão caloroso elogio.

Quanto ao seu livro, D. Manuel Gonçalves Cerejeira tem consciência da importância ainda maior do volume II, por ter como objecto o estudo do Humanismo e da Reforma, e da personalidade e obra de Clenardo nesta perspectiva<sup>32</sup>: «O livro não morreu»; «o livro parece-me que não tem idade» — escreve com sinceridade encantadora, do seu próprio estudo, o seu eminente autor<sup>33</sup>.

A tese sobre Clenardo é, de facto, de uma juventude tão viva e radiosa que parece ter sido composta agora mesmo. As dezassete anotações que D. Manuel Gonçalves Cerejeira lhe acrescentou com referências a pesquisas ulteriormente efectivadas por investigadores mais novos<sup>34</sup> só provam que o venerando prelado de 85 anos estava bibliograficamente informado acerca do progresso dos estudos renascentistas, embora nada acrescentem, em nada melhorem o admirável discurso científico de 1918. Conferem apenas a uma investigação de cinquenta e sete anos antes a característica formal de uma actualização. De facto o livro não tem idade e permanecerá ainda vivo e válido por muitas e muitas décadas, porque é fundado

---

<sup>31</sup> *Clenardo II*, p. 7.

<sup>32</sup> *Clenardo II*, p. 10.

<sup>33</sup> *Clenardo II*, p. 10.

<sup>34</sup> *Clenardo II*, p. 45 (Manuel Antunes); pp. 105, 120, 125 e 127 (Mário Brandão); pp. 22, 44, 57-58, 127, 131-132, 145 e 188 (Silva Dias); pp. 31, 131-132, 167-168 (Pina Martins); pp. 64, 66 e 132 (Luís de Matos); pp. 64-66, 76 e 78 (Costa Ramalho).

sobre documentos e composto por uma inteligência lúcida, com harmonia, coerência e objectividade. Sabemos de pesquisas sérias mas factualmente confinadas em textos desgarrados, redigidas sem organicidade e escritas sem talento, que já são velhas no próprio momento em que nascem. O livro de Manuel Gonçalves Cerejeira não tem e não terá nunca idade provecta.

Desde os capítulos consagrados à definição do conceito de Renascimento e às relações entre a cultura renascentista e a cultura humanística até à análise da especificidade do Renascimento português e ao estudo do Humanismo em Portugal e do sentido característico desse Humanismo, D. Manuel Gonçalves Cerejeira atem-se prudentemente aos textos, reconhece — talvez mais acentuadamente do que a investigação de hoje admite<sup>35</sup> — o carácter pagão dos escritos de alguns humanistas como, por exemplo, Lorenzo Valla e outros, mas logo reivindica, numa lucidíssima antecipação da história da crítica, a conciliação do classicismo e do cristianismo<sup>36</sup>. E de tal maneira essa identificação acaba por impor-se que se chega a não saber concretamente se é mais adequado falar de cristianismo humanista ou de humanismo cristão.

O capítulo sobre o Humanismo em Portugal, com o debuxo do itinerário dos nossos filólogos através de Florença, Paris, Lovaina, Salamanca e Alcalá, é verdadeiramente apaixonante. Igualmente sedutor o largo excuro de caracterização do Humanismo de Cleonardo, que D. Manuel Gonçalves Cerejeira define magistralmente, lapidarmente<sup>37</sup>: «Humanista da escola de Erasmo, não separava o seu culto pela restauração clássica (o que os humanistas chamavam *a guerra contra os bárbaros*), a antiguidade cristã da antiguidade latina e grega». Juízo que pode, em 1918, considerar-se precursor

---

<sup>35</sup> *Cleonardo II*, p. 41. De Pietro Aretino pode falar-se de «nobreza de forma» e «baixeza de inspiração», mas não de Valla, cujo *De uoluptate* é hoje geralmente interpretado numa perspectiva que não é de hedonismo materialista.

<sup>36</sup> *Cleonardo II*, p. 42: «[...] a maior parte dos humanistas quiseram ficar (mesmo quando o não conseguiam) fiéis a Cristo. [...] Quase todos os homens do Renascimento [...] se esforçavam por pensar como S. Paulo ou Santo Agostinho, se bem que ao mesmo tempo desejassem escrever como escrevera Platão e Cícero». E um pouco antes, numa antecipação *lungimirante*, p. 42 de *Cleonardo II*: «Exagera-se frequentemente o espírito de irreligião do séc. XVI». Terá Lucien Febvre conhecido o livro de Gonçalves Cerejeira?

<sup>37</sup> *Cleonardo II*, p. 149.

das mais recentes descobertas da investigação moderna sobre as fontes do Humanismo.

Referindo-se ao entusiasmo de Clenardo pela expansão da fé cristã, escreve o autor<sup>38</sup>:

«O seu espírito [de D. Henrique] era profundamente inclinado à piedade. Ardia-lhe em zelo de Deus a alma. Clenardo vê com alegria afirmar-se diariamente a índole religiosa do régio discípulo, e prognostica-lhe que há-de conquistar nome glorioso na cristandade — promovendo a conversão dos povos de Ásia e África sujeitos ao império del-rei seu irmão», pensa o humanista flamengo repetindo, talvez sem o saber, o que Aldo Manuzio escrevera a Leão X em 1513, na epístola nuncupatória do Platão grego, sobre o que D. Manuel estava fazendo, através das viagens dos marinheiros portugueses, pela expansão do nome de Cristo<sup>39</sup>; o que escrevera em 1522 Lefèvre d'Étaples no prefácio dos seus *Commentari Noui Testamenti*, aceitando que a descoberta de novas terras significava a abertura de imensos espaços para a pregação do Evangelho<sup>40</sup>; e o que Desidério Erasmo, treze anos depois, em Agosto de 1535, no *Ecclesiastes*, viria também a reconhecer, embora com as restrições de uma eventual contaminação entre o espiritual e o temporal<sup>41</sup>.

As reflexões de D. Manuel Gonçalves Cerejeira sobre a pedagogia de Clenardo, sobre a sua posição de repúdio do protesto luterano (rasgando a túnica inconsútil de Cristo, como dizia André de Resende, o maior amigo do humanista flamengo em Portugal<sup>42</sup>),

---

<sup>38</sup> *Clenardo I*, p. 73.

<sup>39</sup> Na carta-dedicatória a Leão X, Aldo Manuzio considera a expansão portuguesa do cristianismo no Oriente como um sinal porventura anunciador da união entre os cristãos, apenas quatro anos antes das famosas teses de Lutero que representaram, em 1517, a ruptura da Reforma.

<sup>40</sup> Trata-se de uma referência breve de Lefèvre d'Étaples à conquista de novos espaços para a pregação do Evangelho, por parte de Portugueses e Espanhóis.

<sup>41</sup> Já considerámos este passo do *Ecclesiastes* de Erasmo como inspirado talvez pela *Legatio magni Indorum Imperatoris* de Damião de Góis: o príncipe dos humanistas reconhece — seja isso bem claro — que se abrem à predicação evangélica novas oportunidades, mas nem por isso deixa de criticar os soberanos ocidentais que, invocando como finalidade das suas intervenções a conversão dos Infiéis a Cristo, lhes faziam uma guerra bem pouco cristã ...

<sup>42</sup> *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal — Les deux regards de Janus*, II, p. 529.

a sua lúcida compreensão do que separa a Reforma do Humanismo (que não podia aceitar uma concepção antropológica que reduz a natureza, sem a graça, a uma total *massa perditionis*<sup>43</sup>) — tudo isto nos prova que *Clenardo II* é um texto de actualidade impressionante, como método e como tese. O autor antecipa, portanto, as mais modernas investigações sobre o Humanismo, através de uma judicação serena, arguta, verdadeiramente precursora de conclusões críticas, fundada na análise directa dos textos originais. É obvio que, sendo este volume II de 1918, não poderíamos nele encontrar ainda o reflexo de algumas descobertas e mesmo de algumas conclusões inovadoras ulteriormente alcançadas, tal, por exemplo, a de Lucien Febvre sobre o erasmismo cristocêntrico de Rabelais<sup>44</sup>.

Esta lucidez *lungimirante* deve-se, em nosso entender, não só à agudeza intelectual, a uma extraordinária solidez de informação mas também a um irenismo ecuménico raro, a um grande amor do diálogo e a uma tendência mental de racionalidade para acentuar, nas doutrinas dos homens, mais o que contribui para unir os espíritos do que aquilo que pode dividi-los.

4. Dissemos que a monografia clenardiana de D. Manuel Gonçalves Cerejeira continua a ser hoje tão importante e actual como era em 1918. Que influência exerceu, então, no desenvolvimento metodológico dos estudos humanísticos em Portugal? Representou, de facto, um ponto de partida para novas pesquisas? Estará na origem de uma escola historiográfica ou filológica na Universidade de Coimbra ou na de Lisboa?

*O Renascimento em Portugal* traz já, em si mesmo, a marca de escola da *Alma Mater* conimbricense: pela tendência meticulosamente analítica de comentar os documentos, pela elaboração do material arquivístico, pela própria forma de abordagem dos problemas. Tem contudo, também, uma outra marca: a da personalidade do seu autor. Investigador atento e perspicaz, assertor cauteloso, orientando a pesquisa para a síntese indispensável — e, neste

---

<sup>43</sup> *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal — Les deux regards de Janus*, II, p. 529: «Pas plus qu'Erasmus, Resende ne pouvait admettre le pessimisme anthropologique de Luther: son attitude à l'égard de la Réforme est analogue à celle de l'auteur du *De libero arbitrio*».

<sup>44</sup> *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle — La religion de Rabelais*, édition revue, Paris, 1947.

aspecto, sem acentuar o pendor analítico da sua escola —, Manuel Gonçalves Cerejeira nunca afirma sem documentar, nunca propõe sem um critério sólido de probabilidade e está mais voltado para a construção historiográfica, com base nos textos, tendo como fundamento a evolução da sociedade num determinado momento, do que para a especulação teórica, mesmo se apoiada pela conexão das ideias<sup>45</sup>. Era natural que estas características, que são as de uma Universidade prestigiosa, ciosa do seu próprio rigor, tão respeitadora dos documentos que até na sua transcrição prefere as soluções de tipo paleográfico ou diplomático às pretensamente críticas<sup>46</sup>, era natural que estas características fossem até as de outros estudos saídos da mesma Escola, vinculados ao mesmo método. Mário Brandão, o sábio historiador de *O Colégio das Artes* foi, de algum modo, o herdeiro do magistério de Manuel Gonçalves Cerejeira e deixou-nos — deixa-nos, porque, graças a Deus, está ainda no meio de nós — uma obra gigantesca, de grandíssimo valor historiográfico e documental<sup>47</sup>. Não se tratando, porém, de um filólogo, afasta-se, neste ponto, das preocupações de Cerejeira quanto ao estudo dos textos humanísticos. Neste domínio haveria que reconhecer que, de 1918 a 1948, temos três décadas de vazio biblio-

---

<sup>45</sup> Veja-se, por exemplo, em *Clenardo I*, a referência aos preços da carne na Galiza, no capítulo sobre a «Peregrinação a S. Tiago de Compostela», p. 118. *Clenardo* compara logo o alto preço da carne de carneiro por quatro reais com o de Évora, que era inferior. Manuel Gonçalves Cerejeira enriquece logo esta indicação, recorrendo a dados concretos bem documentados, de acordo com o testemunho de Costa Lobo na sua *História da Sociedade em Portugal no Século XV*, edição de 1903, pp. 546-547, onde se pode ver «a lista de preços da carne para 1527 e 1531». Este método é rigorosamente seguido tanto em *Clenardo I* como em *Clenardo II*.

<sup>46</sup> Gonçalves Cerejeira adopta sempre, nas suas transcrições, o critério da fidelidade *diplomática* quando se propõe, para fundamentar hipóteses ou reforçar uma tese, oferecer ao leitor um texto antigo. Na nota 1 da p. 118 de *Clenardo I*, ao referir-se a um passo de *Vilhalpandos* de Sá de Miranda, leva a sua meticulosidade na transcrição ao requinte de respeitar os próprios pormenores de reprodução de simples grafismos como, por exemplo, em «çujidades da Galliza».

<sup>47</sup> A obra gigantesca de Mário Brandão tem sido injustamente amesquinhada por alguns «investigadores» jovens, mais voltados para a especulação historiográfica do que para a serena reconstituição do passado, fundada nos documentos. Para provar o extraordinário valor de Mário Brandão, bastariam apenas os dois monumentais volumes de *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes* com 1760 páginas e em que a qualidade científica é altíssima.

gráfico, embora em 1937 Francisco da Luz Rebelo Gonçalves nos tenha dado as suas primorosas *Dissertações Camoneanas* e os seus importantes ensaios reunidos em *Filologia e Literatura*<sup>48</sup>.

Entre os estudiosos do Humanismo que, no segundo volume da sua edição de 1974-1975, têm a honra de ser mais numerosas vezes mencionados, conta-se José Sebastião da Silva Dias. Pertence também ele à mesma Escola, embora mais orientado para a especulação e as articulações historiográficas, a partir de um opulento manancial de documentos<sup>49</sup>. Continua, por consequência, a tradição historiográfica de Cerejeira e de Brandão, ainda que numa perspectiva de maior tendência para secundar a reflexão especulativa.

No seu prefácio à segunda edição do volume II do seu livro, blasona-se D. Manuel Gonçalves Cerejeira de ver a sua obra continuada no alfofre universitário da Faculdade de Letras da *Alma Mater*. É uma referência alusiva ao Instituto de Estudos Clássicos e Humanísticos, superiormente dirigido por Américo da Costa Ramalho e Maria Helena da Rocha Pereira<sup>50</sup>. Os seus investigadores

---

<sup>48</sup> Como camonista, Rebelo Gonçalves foi um grande inovador, e só quando, em breve, a sua obra completa estiver publicada, será possível fazer o balanço definitivo acerca do mérito excepcional do seu contributo. Em *Filologia e Literatura*, será possível, do mesmo modo, descobrir exegeses críticas, até com respeito a Erasmo, que podem considerar-se verdadeiramente antecipadoras de descobertas recentes, no domínio da hermenêutica erasmiana.

<sup>49</sup> Esta orientação metodológica pode documentar-se especialmente em *Portugal e a Cultura Europeia (Séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, 1953; em *A Política Cultural de D. João III*, I-II, Coimbra, 1969; e ainda em *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal*, I-II, Coimbra, 1960. Estando no espaço e no tempo mais perto de Joaquim de Carvalho e de Mário Brandão, Silva Dias continua, de certa maneira, a tradição escolar tanto daquele como de Cerejeira, razão que explica, em parte pelo menos, o grande interesse suscitado pela sua obra junto do estudioso de Clenardo.

<sup>50</sup> Embora discípulos do helenista Carlos Simões Ventura que foi decerto um grande professor mas não deixou obra científica, Américo da Costa Ramalho e Maria Helena da Rocha Pereira têm exercido o seu magistério não apenas pela palavra, como professores, mas ainda como autores de trabalhos importantes no seu domínio de investigação: mais latinista o primeiro, mais helenista a segunda. Ao extremo rigor de Ramalho nos seus estudos sectoriais de filologia concreta e de exegese minuciosa podemos justapôr as preocupações culturais de grande amplitude hermenêutica de Helena da Rocha Pereira, estudiosa das civilizações grega e romana e mais

fundam-se especialmente na documentação latina, com o apoio de uma boa actualização bibliográfica portuguesa e estrangeira: estão, pois, mais voltados para o estudo dos textos do que para uma documentação de arquivo. Neste domínio tem publicado valiosos contributos e estimulado trabalhos de pesquisadores jovens o filólogo Américo da Costa Ramalho a quem D. Manuel Gonçalves Cerejeira, com uma humildade que só o engrandece, transmite um agradecimento pela correcção de um pequeno lapso<sup>51</sup>. Também os investigadores do Instituto de Estudos Clássicos e Humanísticos estão a procurar seguir o exemplo e a lição da tese sobre as *Epistolae clenardianas*, embora seja para eles muito difícil poder imitar não só o estilo mas ainda a capacidade de elaboração estrutural que está no arcaboço da monografia de Gonçalves Cerejeira.

Professor jubilado da Universidade Técnica de Lisboa, embora com longa escolaridade na Universidade de Paris (Sorbonne) onde defendeu as suas teses de *doctorat d'État*, é Luís de Matos, discípulo que foi de Marouzeau e de Jean Bayet<sup>52</sup>. O livro sobre Clenardo teve, sobre os métodos rigorosos de investigação e elaboração científicas deste investigador, uma influência para não esquecer: meti-

---

voltada para os textos literários, que analisa com excepcional finura crítica. Dois grandes Mestres de uma grande Escola, que muito devem a Gonçalves Cerejeira.

<sup>51</sup> *Clenardo II*, p. 65, nota: «o segundo [Costa Ramalho], em obra de maior vulto que é já coluna mestra numa bibliografia global da vida e obra de Cataldo, corrige o nosso engano da confusão de Bessarion Malvitius (Malvezzi) das suas cartas com o Cardeal Bessarion». O Príncipe da Igreja abaixa-se, com humildade exemplar, ao nível de um investigador que reconhece ter-se enganado. É um lapso que, em 1918, os melhores estudiosos do Humanismo em Portugal poderiam cometer. Perguntamo-nos, além disso, quantos lentes de hoje seriam capazes de imitar, nesta humildade, o venerando antístete da Igreja de Lisboa e membro do sacro colégio.

<sup>52</sup> Luís de Matos é o investigador português que melhor conhece as relações culturais luso-francesas na época do Humanismo, como tem demonstrado com alguns estudos seus, entre os quais *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1950 e *Les Portugais en France au XVI<sup>e</sup> siècle*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1952. Aguarda-se para breve a publicação do seu *opus magnum* sobre a expansão portuguesa na literatura do Renascimento, trabalho já disponível na Sorbonne, em Paris, pois foi uma das duas teses do seu *doctorat d'État*, mas que de há muito devia ter sido publicado, pela sua importância extraordinária para o estudo do reflexo tido pelos nossos Descobrimentos nos textos humanísticos do século XVI.

culosidade metodológico-bibliográfica modelar e pendor filológico das análises, situáveis também numa perspectiva de orientação historiográfica.

Da Universidade Clássica de Lisboa e nela formados (embora o segundo tenha iniciado os seus estudos em Coimbra) são Artur Moreira de Sá, Justino Mendes de Almeida e Raúl Miguel Rosado Fernandes<sup>53</sup>: muito devem ao magistério da monografia clenardiana, o primeiro mais orientado para a investigação bibliográfica e os outros dois para a pesquisa filológica. Justino Mendes de Almeida tem estudado porfiada e fecundamente o Humanismo lexicográfico de Jerónimo Cardoso; Rosado Fernandes ocupa-se de há largos anos com a tradução em vernáculo e a análise do *De antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende<sup>54</sup>.

Seja-nos permitido, enfim, fazer uma referência — e quantas mais não teríamos de fazer se o tempo nos não fosse escasso! — ao *opus magnum* sobre Damião de Góis e a sua epistolografia, da

---

<sup>53</sup> Artur Moreira de Sá prestou serviços inestimáveis à divulgação da cultura portuguesa — incluindo o nosso Humanismo renascentista — através das edições do Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia anexo à Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa onde foi editada, entre numerosos estudos e textos importantes, a *Oração de Sapiência (Oratio pro Rostris)*, Lisboa, 1956, com introdução e notas da sua autoria. Além disso, deixa o seu nome ligado à monumental edição do *Cartulário da Universidade Portuguesa*, ainda em publicação. Justino Mendes de Almeida tem editado numerosos estudos sobre Jerónimo Cardoso, com sábias e muito valiosas contribuições de comentário filológico e glosa interpretativa sobre o insigne lexicógrafo, além de outros importantes trabalhos no domínio até da epigrafia, com alcance cultural e histórico muito válido. Raúl Miguel Rosado Fernandes tem presentemente em mãos a versão portuguesa, com numerosos comentários de ordem filológica e histórica, do *De antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende. Se, de Moreira de Sá, em virtude da avançada idade e da doença, só há que aguardar a conclusão do *Cartulário*, de Justino Mendes de Almeida e de Raúl Miguel Rosado Fernandes é justo que esperemos a publicação de edições críticas de textos latinos do Humanismo, pois uma sólida preparação filológico-humanística recomenda-os para que levem a bom termo as mais árduas tarefas no domínio da investigação de textos renascentistas do nosso século XVI.

<sup>54</sup> André de Resende não foi apenas o autor do *De antiquitatibus Lusitaniae*, editado póstumo em Évora no ano de 1593, mas de muitos outros textos em latim e em português, designadamente poesias latinas que já procuramos aproximar, em estudos nossos, da inspiração cristã de Erasmo. Veja-se, a tal respeito, o nosso *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal*, II, pp. 495-553.

autoria de Amadeu Torres<sup>55</sup>, professor da Universidade do Minho, mas formado e doutorado na Universidade Clássica de Lisboa. Foi na sequência de um propósito de seguir o exemplo de D. Manuel Gonçalves Cerejeira apresentando em vernáculo as *Epistolae* de Clenardo, que Amadeu Torres se propôs estudar a fundo a correspondência humanística de Damião de Góis, donde emerge uma figura brilhante de diplomata e de letrado, nas suas relações com personalidades insignes do Humanismo europeu, a maior das quais foi Desidério Erasmo que o recebeu cordialmente em sua casa de Friburgo de Brisgóvia. D. Manuel Gonçalves Cerejeira — confiou-no-lo em 1974 — sonhara, na sua juventude, estudar a vida e a obra de Damião de Góis, vítima da intolerância inquisitorial num período difícil da nossa Reforma católica. Amadeu Torres realizou egregiamente o livro que D. Manuel Gonçalves Cerejeira nunca pôde escrever e que tivemos a honra de prefaciá-lo e editar em Paris, em 1982.

Não há dúvida alguma, portanto, pelo que concerne ao papel relevante desempenhado pelos dois volumes de *O Renascimento em Portugal* sobre o progresso da investigação ulterior no domínio dos estudos humanísticos portugueses. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, tendo abandonado a cátedra para assumir um mais excelso magistério, escreveu uma obra-mestra que se reflectiu durante décadas e continuará ainda a reflectir-se positivamente sobre a investigação histórica, filológica e metodológica dos investigadores portugueses de Lisboa, Coimbra, do Porto e de outras Universidades, dedicados a aprofundar os textos do Humanismo, a traduzi-los, a comentá-los dilucidando-os. Muitos o imitaram e continuarão a imitá-lo: só não poderão fazê-lo naquilo que, na obra de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, é verdadeiramente inimitável — a elegância ática, a subtil leveza de uma forma cuja cristalina claridade só na aparência consegue esconder uma densidade profunda, fruto da reflexão e da ciência incomparáveis de um grandíssimo e fulgurante espírito.

---

<sup>55</sup> Amadeu Torres, *Noese e crise na epistolografia latina goisiana: I - As cartas latinas de Damião de Góis; II - Damião de Góis na mundividência do Renascimento*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. Além desta obra importantíssima, Amadeu Torres tem-nos dado contribuições valiosas sobre a filologia do Humanismo e aguarda-se a publicação próxima do volume III do seu *opus magnum* sobre a epistolografia de Damião de Góis.

O estudioso do Humanismo, pelas suas próprias responsabilidades de magistério pastoral — príncipe que foi da Igreja —, ao abandonar os encargos e o ónus da investigação e da docência, transformou-se, também ele, em humanista. Humanista, criador de doutrina. A sua larga obra de predicação parenética, as suas mensagens do Natal aos homens de boa vontade, a sua *Igreja e o Pensamento Contemporâneo* e tantos outros escritos são documentos vivos de altíssima humanidade e de autêntico Humanismo<sup>56</sup>. Será exagerado ou imprudente classificá-lo como erasmiano?

Entre 1503 e 1536, ano da sua morte, Erasmo realizou uma obra extraordinária de Humanismo cristão em tratados como o *Enchiridion militis christiani*, as paráfrases aos Evangelhos e Epístolas, os comentários e glosas aos Padres da Igreja e aos *poetae latini ueteres*, entre os quais se conta Prudêncio, contemporâneo de Santo Agostinho, erasmianamente editado num volume ágil dedicado a Margarida, filha do seu maior amigo, Thomas More. Nos *Adagia*, nos *Colloquia*, no *De libero arbitrio* e tantos outros textos, o humanista ergue-se contra todas as deturpações da mensagem evangélica e defende pertinazmente a paz, fundando-se na palavra de Jesus mandando a Pedro repôr a espada na bainha<sup>57</sup>.

Num tempo conturbado e tormentoso da história europeia, em que teorias estatolátricas divinizavam a raça e a força bruta — preanunciando a Segunda Grande Guerra —, D. Manuel Gonçalves Cerejeira não deixou nunca de ensinar a verdadeira essência de um Humanismo pacífico, fundado no Evangelho. Na sua mensagem do Natal de 1938, escreve<sup>58</sup>: «O verdadeiro humanismo não exclui Cristo, reclama-o. Sem Cristo, o homem não conhecerá jamais o seu destino. E não o conhecendo, não poderá defender, na própria ordem natural, os seus direitos e dignidade». E pouco depois: «O humanismo cristão restaura e liberta o homem e eleva-o a um plano divino». É, dir-se-ia, a repetição em termos modernos do

---

<sup>56</sup> Veja-se a «Bibliografia do Cardeal Cerejeira», in *Clenardo I*, pp. 403-404.

<sup>57</sup> *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal*, I, p. 90: «Depuis que le Christ a donné l'ordre de remettre au fourreau l'épée de St. Pierre, il n'est pas digne d'un chrétien de se battre, à moins qu'il ne s'agisse de lutter contre les plus grands ennemis de l'Église: la cupidité, la colère, l'ambition, la peur de la mort». Estas são palavras de Erasmo.

<sup>58</sup> D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal Patriarca, *Mensagem do Natal aos Homens de Boa Vontade*, Lisboa, Janeiro de 1938, p. VI.

essencial da doutrina que enforma o manifesto apaixonante do Humanismo quatrocentista, o *De hominis dignitate* de Giovanni Pico della Mirandola<sup>59</sup>.

D. Manuel Gonçalves Cerejeira preconiza soluções pacíficas para a crise em que o Mundo e o homem se debatem. Como Erasmo, propõe a separação do domínio espiritual e do domínio temporal, solução que considera como a «trave-mestra da civilização cristã»<sup>60</sup>. Na sua condenação tanto do clericalismo como do cesarismo — «tomando aqui clericalismo [explica] como sinónimo de governo eclesiástico da sociedade temporal»<sup>61</sup> —, tem presentes as ideias sempre actuais de S. Thomas More o qual, na *Utopia*, deixa entender, para que o domínio espiritual seja mais livre e por isso mais fecundo, a conveniência de uma separação que, do mesmo modo, elimine o cesarismo<sup>62</sup>, por D. Manuel Gonçalves Cerejeira considerado «como o governo absoluto que submete ao poder temporal as coisas de Deus»<sup>63</sup>.

O investigador das *Epistolae clenardianas* tornou-se também ele autor de epístolas, como algumas que escrevera aos novos<sup>64</sup> e outras que escreveu de Roma<sup>65</sup>, durante o Concílio Vaticano II em cujos trabalhos intensamente participou. Nessas cartas, com a simplicidade do campónio flamengo cuja personalidade e cuja obra tão luminosamente estudou na sua tese, o príncipe da Igreja, o

<sup>59</sup> Giovanni Pico della Mirandola, *De Hominis dignitate — Haptaplus — De Ente et Uno e scritti vari* a cura di Eugénio Garin, Florença, 1942. Segundo Giovanni Pico, o homem foi colocado num espaço terreno que Deus para ele criou e onde pode, pelos seus actos, descer abaixo dos irracionais ou erguer-se a alturas angélicas.

<sup>60</sup> In *Mensagem do Natal*, ed. cit., p. VII: «Esta separação do domínio espiritual e do domínio temporal é a trave-mestra da civilização cristã».

<sup>61</sup> *Mensagem do Natal*, p. VII.

<sup>62</sup> *Mensagem do Natal*, p. VII: «Ela condena igualmente o clericalismo e o cesarismo, tomando aqui clericalismo como sinónimo de governo eclesiástico da sociedade temporal».

<sup>63</sup> *Mensagem do Natal*, p. VII.

<sup>64</sup> Doutor Gonçalves Cerejeira, *Cartas aos Novos*, separata dos «Estudos», Coimbra, 1933 (VIII + 134 pp.), edição *princeps*. A 2.ª edição é da Casa do Castelo, Coimbra, 1944 (VIII + 164 pp.).

<sup>65</sup> D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal Patriarca de Lisboa, *Cartas de Roma — Concílio Ecuménico Vaticano Segundo*, Lisboa, União Gráfica [s. a.] (101 + [3] pp.).

aristocrata da inteligência e do magistério, aconselha-nos, adverte-nos e ensina-nos repetindo sempre e incansavelmente o mandamento evangélico do fraterno amor<sup>66</sup>. Uma outra lição — e porventura a maior — de Humanismo.

*José Vitorino de Pina Martins*  
Fundação Calouste Gulbenkian  
Av. de Berna, 45  
1093 LISBOA Codex

---

<sup>66</sup> *Cartas de Roma*, p. 33: «S. Paulo resumiu, nestas breves e incisivas palavras, palavras de fogo, a prospectiva cristã universal: 'tudo foi feito para o Homem, o Homem para Cristo, Cristo para Deus'. Elas consagram as realidades temporais como boas, ao serviço do homem, manifestam a missão, dignidade e destino do Homem, criado à imagem e semelhança de Deus, predestinado desde e antes da criação a ser seu filho de adopção [...]». Expressões, estas, que dir-se-ia serem extraídas do contexto do *De hominis dignitate* do *prince charmant* do Humanismo.